

Prefácio

É sempre um gosto escrever um prefácio para uma obra que nos interpela. É este o caso, e espero que as breves reflexões aqui propostas não desmereçam das reflexões do autor.

Em primeiro lugar, a diversidade.

Fala-se hoje muito deste assunto; mas o autor não se fica por generalidades e situa o conceito num *continuum* tensional: igualdade – diversidade. E esta busca da integração da diversidade na igualdade é um dos fundamentos da complexidade humana, mais, da complexidade da vida, como já Morin (1984) salientava na sua expressão *unitas multiplex* (Volume II de *O Método – a Vida da Vida*). Manter a igualdade sem destruir a diversidade é uma aposta vital, um programa que não se pode falhar, sem ameaçar o vivo: é a diversidade que enriquece a igualdade, é a igualdade que dá o significado comum que assegura dignidade vivencial à diversidade.

A obra salienta a importância das duas dimensões em variados passos; e fundamenta essa importância na extensa e excelente apresentação dos modelos que a estuda na forma de cultura. A antiga questão *natural/cultura* é visualizado como tensão entre duas condições, ambas vitalmente necessárias: igualdade *genética* essencial, variedade *memética* (cultural) necessária à continuação do projecto humano: é ela que assegura a manutenção do «algoritmo revolucionário», é a diversidade cultural que hoje garante os requisitos básicos para a evolução da própria espécie.

A gestão da diversidade cultural situa-se, assim, no cerne das interrogações sobre a natureza do humano. Estudá-la parece imperativo: «precisamos, talvez, de uma teoria que nos ilumine, para percebermos o que temos pela frente».

A obra propõe ao leitor (e nós esperamos que ele a assimile) a firme conexão dos dois pólos do continuum acima enunciados, ou seja propõe o

estudo da continuação da evolução por outros meios, os meios informacionais que são os memes.

Em segundo lugar, a integração dos diversos, o salto para o informacional.

O autor acentua este salto: se os humanos desenvolveram no passado o instinto de cooperação, uma intencionalidade partilhada (na citação de Tomasello, 2009) que assegurava a sobrevivência do endogrupo, agora têm de desenvolver uma intencionalidade mais alta e uma partilha mais ampla. Porque agora os tempos são outros: a diversidade das culturas é colocada no mesmo plano, somos obrigados a uma justaposição em vez de uma imposição, construímos um mosaico de mundividências que já só pode ser compreendido pela criação de conceitos supra-ordenantes (Sherif, 1961).

Esses conceitos, vai o autor construí-los como bifurcação: o primeiro braço da bifurcação é a extensa apresentação dos modelos que os vários autores propuseram para entender as diferentes culturas nacionais, desde a pré-história desses modelos até aos mais recentes e é a panorâmica da diversidade, ao nível das tentativas de explicação; no outro braço da bifurcação faz o aprofundamento das dimensões das culturas nacionais e do seu impacto nos comportamentos individuais e colectivos: é o eixo de integração, o núcleo que faz das culturas nacionais um sistema de orientação.

Um sistema de orientação facilita aos utilizadores uma leitura rápida do espaço relacional onde se movem, faz dele um espaço com significados e valências, um espaço vectorial, dotado de atractores e zonas de indiferença, não um plano desértico, emocional e cognitivamente uniforme. É assim que o molde cultural cria um quadro de interpretação de realidades de primordial importância para evolução humana.

A obra passa-as em revista, iluminando o modo como as diferentes culturas ensaiam respostas diferentes (e portanto contributos evolucionários diferentes): atitudes em relação ao significado e uso do poder, à percepção e aceitação de diversos níveis de desigualdade, nos vários contextos humanos; posição perante as normas sociais e o Estado; construção da identidade da comunidade e do outro e às relações entre as pessoas; mas também as atitudes e comportamentos de nepotismo e corrupção e, noutra esfera da vida, a percepção da felicidade e da saúde. *En passant*,

os modelos são aplicados às mesmas situações vividas em Portugal, situando-se, assim, imediatamente no nosso concreto.

Com essas aplicações, o autor mostra claramente que, no estado actual das sociedades humanas e do conhecimento, as respostas a estes problemas não podem ser encontradas apenas no endogrupo; e não podem também ser construídas, sem o estudo sério e intersubjectivo das diferentes culturas. Uma atitude assente nestes padrões de comportamento seria inevitavelmente involutiva, careceria da complexidade cognitiva exigida para a compreensão adequada da realidade actual.

Para evitar um tal escolho, o Paulo Finuras convida-nos nesta obra para um estudo feito de debate reflectido, assente nos instrumentos conceptuais e operativos que asseguram uma extensão e profundidade crescente.

Artur Parreira

Professor Catedrático,
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias